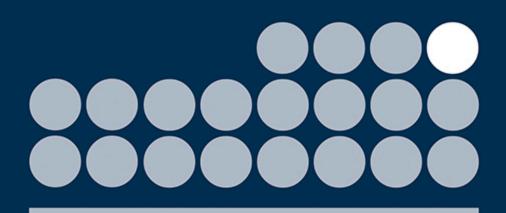
João

Introdução e comentário

F. F. Bruce



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA· VIDA NOVA

CONTEÚDO

Pretacio do Autor	6
Prefácio à Edição em Português	8
Abreviaturas	9
INTRODUÇÃO	
II. O Quarto Evangelho na Igreja Primitiva	11 17 24
ANÁLISE ; COMENTÁRIO	29
Capítulo 1 (2) Capítulo 2 (3) Capítulo 3 (4) Capítulo 4 (9) Capítulo 5 (1) Capítulo 6 (1) Capítulo 7 (1) Capítulo 8 (1) Capítulo 9 (1)	19 38 55 64 71 79 87 04
Capítulo 21	38
APÊNDICE (7.53-8.11)	51

PREFÁCIO DO AUTOR

Este comentário do quarto evangelho é destinado principalmente ao leitor da Bíblia em geral, que está interessado em um estudo sério, e não erudito profissional ou especialista. Questões de crítica textual e literária e outras foram mencionadas com brevidade; o objetivo principal é transmitir o que aprendi pessoalmente sobre a mensagem e o significado do evangelista.

Esta obra tomou sua forma durante um período de aproximadamente trinta anos. Em 1953, comecei a contribuir com artigos trimestrais, sob o título "Um Estudo Expositivo do Evangelho de João", para o The Bible Student de Bangalore, na Índia, a convite do editor, Alfred McDonald Redwood, Quando o The Bible Student deixou de ser publicado, em 1960 (dois anos antes da morte do editor), eu tinha exposto os sete primeiros capítulos de João. Durante alguns anos a obra foi deixada de lado. Então, em 1971 e 1972, principalmente devido a um desejo de esclarecer para mim mesmo certos problemas da narrativa da paixão no quarto evangelho (especialmente em relação ao julgamento de Jesus), eu contribuí com dezoito artigos para o The Witness, sob o título de "A Narrativa da Paixão Feita por João" e outros seis, sob o título "A Narrativa da Ressurreição Feita por João". Mais tarde, em 1977, o editor de The Witness, o falecido Cecil Howley, sugeriu que eu transcrevesse em suas colunas o estudo expositivo que fora publicado antes no The Bible Student (que foi revisto onde era necessário), continuando até cobrir todo o evangelho. Comecei a fazer isto (com a boa vontade do editor que o sucedeu, John Polkinghorne) e quando o The Witness foi absorvido pelo The Harvester no início de 1981, a exposição continuou sendo feita mensalmente até completar-se em dezembro de 1982. Estou agradecido aos meus editores por me darem a oportunidade de preparar a obra para ser publicada em forma de livro.

A maneira casual e desordenada em que a obra foi publicada pela primeira vez significou que largos trechos sobrepostos e muito extensos tiveram de ser adaptados. E seria muito otimismo supor que esta adaptação foi tão eficaz como deveria ter sido. A introdução e as notas foram acrescentadas para a presente forma de publicação.

Estou consciente da grande dívida que tenho com comentaristas anteriores; parte desta dívida é reconhecida expressamente, mas grande parte não, porque muito do que eu li e ouvi sobre o evangelho de João com o passar dos anos foi integrado em meu pensamento e agora não é mais possível identificar suas fontes. Minha dívida consciente principal é com a obra de C. H. Dodd. Também durante a maior parte da minha carreira como professor de Estudos Bíblicos eu tive a felicidade de ter dois colegas que se especializaram no estudo deste evangelho: o Dr. Aileen Guilding, da Universidade de Sheffield, e o Dr. Stephen Smalley, da Universidade de Manchester; a minha compreensão do evangelho foi aprofundada consideravelmente pela convivência com eles.

F. F. BRUCE

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque, do outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética do que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infindáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam, assim, o preparo do caminho para a pregação. Cada comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura-se compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante "carne" para se mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o N.T. deverá constar de 20 livros de aproximadamente 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o N.T. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreenderem o que o texto neotestamentário, de fato, diz e significa. Se conseguirmos alcançar este propósito, seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard Sturz

ABREVIATURAS

AB Anchor Bible
a.C. Antes de Cristo
ad loc No lugar (citado)

ARA Almeida Revista e Atualizada (versão da Sociedade Bíblica

do Brasil) *Todas as citações sem identificação são desta

versão

ARC Almeida Revista e Corrigida

A.T. Antigo Testamento BJ Bíblia de Jerusalém

BJRL Bulletin of the John Rylands (University) Library

BLH Bíblia na Linguagem de Hoje

BNTC Black's New Testament Commentaries

BV Bíblia Viva cerca de

CBC Cambridge Bible Commentaries

CBQ Catholic Biblical Quarterly

CBRF Christian Brethren Research Fellowship

d.C. depois de Cristo
ed. editor, editado
EQ Evangelical Quarterly
ExpT Expository Times

gr. grego heb. hebraico

Hist.Ecl. História Eclesiástica

HTCNT Herder's Theological Commentary on the New Testament

HTR Harvard Theological Review

IB Interpreter's Bible

IBB Versão da Imprensa Bíblica Brasileira ICC International Critical Commentary

IEJ Israel Exploration Journal
JQR Jewish Quarterly Review
JTS Journal of Theological Studies

LXX Septuaginta (Antigo Testamento em grego)

MNTC Moffatt New Testament Commentary

NCB New Century Bible

NClarB New Clarendon Bible NEB New English Bible

NICNT New International Commentary on the New Testament

NIGTC New International Greek Testament Commentary

n.s. nova série

N.T. Novo Testamento

NTC New Testament Commentary

NTS New Testament Studies

NTV Novo Testamento Vivo

op.cit. Obra (do mesmo autor) citada (acima)

PEQ Palestine Exploration Quarterly
PGC Pelican Gospel Commentaries

Q Qumrã

1QS Regra da Comunidade, da Caverna 1 de Qumrã 3Q15 "Rolo de Cobre" da Caverna 3 de Qumrã

11QMelch "Documento Melquisedeque" da Caverna 11 de Qumrã

11QTemple Rolo do Templo da Caverna 11 de Qumrã

QD Questões em Disputa

RB Revue Biblique

RSV Revised Standard Version

ss. e seguintes

SBLDS Society of Biblical Literature Dissertation Series SBLMS Society of Biblical Literature Monograph Series

SBT Studies in Biblical Theology

SCB Série Cultura Bíblica

SNT Supplement to Novum Testamentum

SNTSMS Society for New Testament Studies Monograph Series

TDNT Theological Dictionary of the New Testament

WBC Word Biblical Commentaries

ZDPV Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins

ZNW Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft

INTRODUÇÃO

I, O EVANGELISTA E SEU EVANGELHO

Assim como os três evangelhos sinóticos, o quarto evangelho é anônimo: ele não traz o nome do seu autor. O título "Segundo João" foi acrescentado quando os quatro evangelhos foram reunidos e começaram a circular como uma coleção, para distingui-lo dos outros. É digno de nota que os quatro evangelhos canônicos conseguiram ser publicados de forma anônima, enquanto os evangelhos apócrifos, que surgiram depois da metade do primeiro século, alegaram (falsamente) terem sido escritos por apóstolos ou outras pessoas ligadas intimamente com o Senhor.

Até onde podemos dar crédito da autoria deste evangelho a "João", normalmente as pessoas crêem que o João em questão é o filho de Zebedeu, um dos doze. Na verdade, há uma evidência em favor de outro "discípulo do Senhor" chamado João,¹ que (provavelmente) vivia na província romana da Ásia, para onde, de acordo com a tradição, o filho de Zebedeu mudou-se da Palestina, perto do fim do primeiro século; mas, até onde podemos ver, na antigüidade ninguém creditou o quarto evangelho a este outro João, em lugar do filho de Zebedeu. Papias, o bispo de Hierápolis (c 130 d.C.), refere-se a este outro João como "o ancião (ou presbítero) João". Naquele tempo, o título "ancião" era dado aos líderes cristãos da geração posterior aos apóstolos.

B. F. Westcott propôs de forma clássica uma série concêntrica de argumentos que identificam o quarto evangelista com João, o filho de Zebedeu. Na sua opinião, a evidência interna do evangelho indica que ele foi escrito: a) por um judeu palestino, b) por uma testemunha ocular, c) pelo discípulo que Jesus amava, e d) por João, o filho de Zebedeu.²

Parece claro que o autor era judeu. Os debates entre Jesus e os líderes religiosos em Jerusalém sobre as questões mais delicadas da interpretação que os judeus faziam da lei, reproduzidas nos capítulos centrais do evangelho, não eram fáceis de se entender ou registrar naquele tempo por um autor que não

Papias, Exegesis of the Dominical Oracles, citado por Eusébio, Hist. Ecl. 3.39.4. Veja F. F. Bruce, Men and Movements in the Primitive Church (Exeter, 1979), pp.132-136.

B. F. Westcott, The Gospel According to St. John (Londres, 1880), pp. xxivs. Veja F. F. Bruce, "Johannine Studies Since Westcott's Day", contribuição para a reimpressão em 1966 de The Epistles of St. John, de Westcott (Londres, 1892), editada por Marcham Manor Press, Appleford, pp.lvii-lxxvi.

fosse um "dos judeus". É verdade que o evangelista fala com freqüência dos "judeus" de uma maneira que dá a entender que ele está se distanciando deles, mas, nestes casos, normalmente ele fala "dos outros judeus" (distinguindo-os de si e seus amigos), ou dos que moravam na Judéia, em vez de na Galiléia. Nosso comentário abaixo mostrará com freqüência como é importante certificar-se precisamente de quais "judeus" cada passagem está falando.

Também parece estar claro que o evangelista era um judeu palestino (pelo menos de origem). Se é verdade, o que parece provável, que o evangelho foi publicado na província da Ásia uns sessenta anos depois dos acontecimentos que narra, não devemos nos surpreender que ele reflita a situação em que estes se deram, bem como a forma em que acabaram sendo registrados e publicados. Acontece que o evangelista dá a impressão de conhecer pessoalmente os cenários do ministério de Jesus que descreve, especialmente em e ao redor de Jerusalém – mesmo se é um exagero dizer que ele conhece Jerusalém "como um motorista de táxi londrino conhece Londres".³

Alguns comentaristas têm ido mais longe no apoio da origem palestina do evangelista e do seu evangelho, argumentando que, apesar de o evangelho ter sido transmitido em grego (como os outros livros do N.T.), originalmente ele foi escrito em aramaico, o idioma corrente dos judeus da Palestina. Isto é bastante improvável. É natural que encontremos aramaísmos na forma grega dos pronunciamentos de Jesus e de seus discípulos, já que eles costumavam falar o aramaico (assim como o inglês falado por habitantes da Escócia ou do País de Gales reflete o sotaque do seu idioma celta nativo); na verdade percebemos isto nos quatro evangelhos. Mas enquanto não existir uma evidência positiva (como um trecho do evangelho em aramaico sem vestígios de ter sido traduzido do grego), não há motivos para se duvidar que o evangelho de João foi escrito em grego.

Um argumento a favor da origem palestina deste evangelho, que não estava à mão dos estudiosos das gerações anteriores, surgiu da descoberta e estudo de documentos da comunidade religiosa que tinha sua sede em Qumrã, a noroeste do Mar Morto, durante uns dois séculos antes de 70 d.C.⁵ Seu significado não precisa ser exagerado (é bom lembrar que quase toda nova descoberta na história religiosa do Oriente Médio do período em questão foi considerada em seu tempo a chave para a solução do problema do quarto evangelho).⁶

^{3.} A. R. Short, The Bible and Modern Research (Londres, 1931), p. 178.

^{4.} P. ex. C. F. Burney, *The Aramaic Origin of the Fourth Gospel* (Oxford, 1922); J. A. Montgomery, *The Origin of the Gospel of St. John* (Filadélfia, 1923).

Veja os estudos colecionados em John and Qumran, ed. J. H. Charlesworth (Londres, 1972).

Mais recentemente até os registros de Ebla, na Síria (terceiro milênio a.C.) foram colocados em circulação; veja M. Dahood, "Ebla, Genesis and John" em *The Christian Century*, 15/4/1981, pp. 418-421.

No entanto, existem algumas afinidades entre os dois conjuntos literários. Expressões joaninas características, como "a luz da vida", "os filhos da luz", "fazer a verdade" e "as obras de Deus" encontram paralelos nos escritos de Qumrã. Tanto João como os homens de Qumrã encaram o universo como um contraste drástico entre luz e trevas, bem e mal, verdade e mentira, Porém, mesmo que pareça que João "utiliza uma fonte comum de termos e idéias bem conhecidos dos essênios",7 o novo elemento no uso que ele faz destes termos não deve ser esquecido. Quando ele fala da "luz da vida", não está pensando em termos abstratos, nem em um conjunto de ensinos ou uma comunidade santa; para ele a verdadeira luz é o próprio Jesus Cristo, a Palavra encarnada. W. F. Albright, um dos primeiros eruditos que chamou a atenção para as afinidades do quarto evangelho com Qumrã, foi sábio em destacar "a imensa distância entre as doutrinas dos essênios e a essência do ensino de João"; ele fez uma lista de doze elementos essenciais de João, relacionados com a função do Messias, a salvação de pecadores, o ministério da cura e o evangelho do amor.8

Será que o evangelista foi uma testemunha ocular? Em certo lugar, há uma alegação enfática e explícita de tal autoridade. É quando o lado de Jesus é ferido depois de sua morte (Jo 19.35): "Aquele que isto viu, testificou" (este é um testemunho ocular). Não consta quem é esta testemunha ocular — se é o evangelista ou alguém em quem ele se baseia. Também no epílogo do evangelho diz-se que o "discípulo a quem Jesus amava" "dá testemunho a respeito destas coisas, e as escreveu" (21.24). A afirmação de que ele "as escreveu" pode ser entendida como que ele levou à sua escrita, que seu testemunho serviu de base para o registro; mas a afirmação de que ele "dá testemunho" implica em um testemunho de primeira mão. É provável que "estas coisas" incluam não só o incidente narrado no capítulo 21, mas outros registrados na parte principal do evangelho. É dito especificamente que o discípulo amado estava presente na última ceia (13.23), na cruz (19.26s) e no túmulo vazio (20.2-10); é fácil concluir que é dele a autoridade para estas fases da narrativa da paixão e da ressurreição, se não mais.

A identificação do discípulo amado com João, o filho de Zebedeu, tem sido fundamentada em bases positivas e negativas. Do lado negativo, está a ausência do nome de João neste evangelho (e de seu irmão, Tiago), exceção feita para a afirmação, no início do epílogo, de que os "filhos de Zebedeu" estavam entre os sete discípulos que se encontraram com o Senhor ressurreto, no lago

W. F. Albright, "Recent Discoveries in Palestine and the Gospel of St. John" em The Background of the New Testament and its Eschatology, ed. W. D. Davies e D. Daube (Cambridge, 1954), p.169.

^{8.} Ibid, p.170.

da Galiléia (Jo 21.2). A ausência de qualquer menção a João ou Tiago chama ainda mais a atenção quando consideramos o papel exercido neste evangelho por outros do grupo dos doze — não só destacados, como Simão Pedro e André, mas também menos destacados, como Filipe, Tomé e Judas "não o Iscariotes".

Do lado positivo, está a presença do discípulo amado na última ceia. Se é correto concluir de Marcos 14.17 (e paralelos sinóticos) que somente os doze estiveram com Jesus na última ceia, então o discípulo amado era um dos doze - certamente não Pedro (de quem ele é distinguido em Jo 13,24), e provavelmente nenhum dos outros discípulos mencionados pelo nome em João 13,17. O fato de ele se chamar repetidas vezes de "o discípulo a quem Jesus amava" mostra que evita intencienalmente seu nome pessoal. O mesmo ocorre no epílogo, onde é evidente que ele é um dos sete discípulos que participam do encontro à beira do lago. Ele é distinguido expressamente de Pedro (Jo 21.7,20) e também de Tomé e Natanael, por implicação; podemos pensar, portanto, que ele era um dos filhos de Zebedeu (que não são citados pelo nome) ou um dos outros dois discípulos, cujos nomes não são mencionados em João 21.2. Quanto aos filhos de Zebedeu, ele não pode ser identificado com Tiago: este foi morto por Herodes Agripa I, de acordo com Atos 12.1s, durante seu breve reinado na Judéia (41-44 d.C.), não foi com relação a Tiago que mais tarde se espalhou o rumor "de que aquele discípulo não morreria" (Jo 21.23).

Na mesa da ceia (Jo 13.24), no túmulo vazio (Jo 20.2-10) e à beira do lago (Jo 21.7,20) o discípulo amado é associado de maneira especial com Pedro; João consta repetidas vezes como companheiro de Pedro nos primeiros tempos da igreja (At 3.1-4.23, 8.15-25; veja também Gl 2.9, onde Pedro e João, juntos com Tiago, o irmão do Senhor, são chamados de "colunas" da comunidade em Jerusalém). Nos primeiros capítulos de Atos, Pedro é de tal forma o parceiro dominante que, a seu lado, João parece um leigo; na verdade temos pouca informação no N.T. sobre João, o filho de Zebedeu, como nome individual. Ele e seu irmão Tiago foram chamados por Jesus de Boanē-rges, que significa "filhos do trovão" (Mc 3.17). Podemos supor que eles foram chamados assim por causa de sua natureza impetuosa. Foram Tiago e João que propuseram mandar vir fogo do céu para consumir os samaritanos não hospitaleiros (Lc 9.54); foi João que relatou como ele e seus amigos tentaram impedir um homem que estava expelindo demônios em nome de Jesus, porque não fazia parte do seu grupo (Lc 9.49). Tiago e João mereceram a indisposição de seus colegas discípulos em uma ocasião, quando, aparentemente, tentaram tirar vantagens e garantir uma posição especial no futuro reino de Cristo (Mc 10.35-45). Junto com Pedro, eles formavam um grupo mais íntimo de três discípulos, que tinham um acesso excepcionalmente franco a seu Mestre (Mc 5.37, 9.2, 14,33).

Nosso conhecimento de João, o filho de Zebedeu, é tão escasso que é

difícil concordar com um erudito de muito respeito que julga existir "certeza moral" de que o quarto evangelho não foi escrito por ele⁹ – a não ser, é claro, que haja certeza moral de que não foi escrito por uma testemunha ocular. Este erudito (C. K. Barrett) sugere que o evangelista (que não era testemunha ocular) era um discípulo do apóstolo João, que ele reuniu ao seu redor depois de mudar da Palestina para Éfeso. ¹⁰ Ele não é tão precipitado a ponto de identificar este discípulo com o "ancião João", de Papias, apesar de alguns estudiosos do quarto evangelho proporem isto. Não sabemos o suficiente sobre o ancião João para associá-lo com o apóstolo do mesmo nome ou com o quarto evangelho. ¹¹

O testemunho ocular visível no evangelho é principalmente o do discípulo amado e, por conseguinte, do apóstolo João (se for possível provar que ele é o discípulo amado). Porém, se foi um discípulo dele que redigiu (ou completou) o evangelho por ordem sua, ele também pode ter sido uma testemunha ocular de alguns incidentes registrados. Tem sido sugerido que ele era de Jerusalém. Será que ele era o discípulo "conhecido do sumo sacerdote" (Jo 18.15s)? Ou aquele que presenciou o ferimento no lado de Jesus (Jo 19.35)? É mais fácil fazer estas perguntas do que respondê-las.

O professor Barrett sugere que o evangelista foi o autor dos primeiros vinte capítulos do evangelho e que o epílogo (capítulo 21) foi acrescentado quando a obra foi editada para ser publicada – presumivelmente pelo grupo responsável pelo "sabemos" de João 21.24. Este grupo – a escola ou comunidade joanina – certamente exerceu um papel em relação ao evangelho.

A chamada "tradição joanina" foi preservada principalmente em memória de um homem, o discípulo a quem Jesus amava; ele até poderia ter dito "la tradition, c'est moi" ("Eu sou a tradição"), como o disse P. H. Menoud.¹² Mas seria um erro descrevê-lo como alguém que manteve suas lembranças vivas com carinho durante muitas décadas de solidão. J.A.T. Robinson, que há muito é defensor ardoroso da autoria apostólica do evangelho, dá bem mais que importância marginal aos amigos de João. Na sua opinião, a tradição joanina não "surgiu do nada, por volta do ano 100 d.C.", pelo contrário, há uma "continuidade real, não só da memória de um velho, mas da vida de uma comunidade que perdurou nos primeiros tempos do cristianismo.¹³

^{9.} C. K. Barrett, The Gospel according to St. John (Londres, 2 1978), p.132.

^{10.} Ibid, pp. 133s.

^{11.} O autor de 2 e 3 João, ao chamar-se "o presbítero" no sobrescrito destas duas cartas, provavelmente usa este título em um sentido diferente de Papias e outros escritores cristãos do segundo século. Ele estava escrevendo para cristãos que eram muito mais novos do que ele, a ponto de poder chamá-los de "filhinhos", por isso usa para si o termo afetivo que eles costumavam empregar quando falavam dele.

P. H. Menoud, L'évangile de Jean d'après recherches récentes (Neuchatel/Paris, 2 1947), pp.77.

^{13.} J. A. T. Robinson, "The New Look on the Fourth Gospel" em *Twelve New Testament Studies* (Londres, 1962), p.106.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.



